



O ULTIMO PITEU



Depois de tanto trabalho, a petisqueira esturrou-se...

QUEM TEM A CULPA?

Não. Não são elles que tem a culpa da tristissima situação a que o paiz chegou, como já não foram elles os culpados de terem chegado onde chegaram. E se não, digam-nos. Que responsabilidade tem um doído nas asneiras que faz? Não é ao enfermeiro que cumpre vigial-o e pôr-lhe o collete de forças? Se uma creança trepar a uma cadeira para rasgar um quadro, não é o adulto que a acompanha o responsável por aquelle acto? Se um rufia der uma facada ou um larapio roubar uma carteira e a policia fizer vista grossa, quem tem a culpa da impunidade do crime e das novas façanhas que o moicante pratique?

Diz um velho dictado popular que *quem acha molle carrega*, e este é o caso dos republicanos.

No tempo da monarchia acharam mollissimo e carregaram; de 5 d'outubro para cá encontraram papas e esmigalharam.

Não. Não devemos ser injustos attribuindo responsabilidades a quem já as não tem.

A *molleza* dos monarchicos antes da Rotunda e ás *papas* a que todos nós estamos reduzidos, depois do chocolate Machado Santos, é que se deve o que temos passado e estamos passando.

E' um ponto assente e indiscutível que a miséria do paiz é monarchica. Assim o era em 1910, embora n'essa occasião existisse uma grande massa indifferente que desejava apenas socego, justiça e boa administração, sem fazer questão d'uma corôa ou d'um chapêu alto.

Se a republica lhes desse o que desejavam, aceitavam a republica. Olharam, portanto, para o novo regimen com esperança, esperança que ao fim de seis mezes estava desfeita — esperança que ao fim d'um anno se tinha transformado em desespero.

Passou essa gente a ser monarchica? Sem duvida, no que esta classificação significa de *contrario a isto*.

Porque é preciso distinguir, entre quem é monarchico por *oposição ao existente*, e quem o é por *principio derivado de estado*, embora a todos se deva reconhecer os mesmos sentimentos de patriotismo.

Sobre o monarchismo nas suas diversas classes e manifestações ainda nos havemos d'occupar largamente aqui (aqui ou n'outro sitio, porque a vida é muito cheia de surpresas), porque é d'uma necessidade urgente (como já o accentuámos nos nossos artigos *Partido monarchico*) orientar e educar o espirito conservador do povo portuguez, que, pela falta de doutrinas accessiveis á sua preparação, tem sido um joguete inconsciente de todos os charlatães palavrosos que se lembram de estontear-o com oratoria chilrosa e leitura bombastica.

Mas voltando ás considerações que motivaram estas linhas. A' parte monarchica que existia antes do 5 d'outubro, no paiz, foi juntar-se depois da *experiencia* toda a massa indifferente, e até aquelles que, sendo republicanos por boa fé e ingenuidade, viram nos *factos* uma burla ás suas illusões.

Ainda ha dias, em Vianna do Castello, o mais antigo e valioso republicano do concelho declarou n'um jantar, segundo o nosso collega *Districto de Vianna*:

Na sexta-feira passada, dia de mercado semanal n'esta cidade, achavam-se n'um restaurant a jantar diversas pessoas da freguezia de Santa Martha, entre as quaes os membros da junta de parochia, que é monarchica. O sr. Barros fez servir champagne e, erguendo a sua taça, disse:

Meus senhores, bebam á saude do ultimo thalassa que chega! (Os circumstantes investigam quem é que vai entrar: mas ninguem transpõe a porta). O sr. Barros então explica: Sou eu. Completamente desilludido d'isto que para ahí está, não quero, porque não devo, continuar a dar-lhe o meu applauso e o meu esforço.

Eu cuidava que a republica seria outra coisa, muito differente do que ahí está. Illudi-me, perdendo o meu tempo, trabalho, interesses e amigos.

Pois bem: De hoje em deante luctarei pela monarchia com a maior sinceridade e com o melhor ardor.

Que demonstra tudo isto? Que da maioria absoluta que somos passamos a ser nação inteira... com excepção de tres duzias e um Estebão!... Quem tem então a culpa de todas as arbitrariedades, de todas as violencias, de todos os enxovalhos, de todas as injustiças, de todos os... casos contados pelo senador João de Freitas e pelo deputado Camillo Rodrigues? Quem tem a culpa da sua impunidade e da sua... continuação? São as tres duzias que os praticam ou são... os 6 milhões restantes que o consentem?

Um authentico "superavit"



ZÉ: — O que é aquillo?!

THALASSA: — Aquillo é... o tal "superavit".

REPUBLICA E MONARCHIA

Com este título, diz o sr. Estevão no nosso collega humoristico *A Patria*:

Ha pessoas tão destituidas de pudor intelectual e de espirito de justiça que se permitem estabelecer confrontos entre a administração republicana e a administração monarchica.

A verdade é que, por muito violentas e irritantes que sejam as lutas politicas na Republica, nada ha que autorise semelhantes confrontos. E aqueles que os fazem demonstram apenas que levam o odio pessoal e a ambição do poder ás mais deploraveis manifestações de degenerescencia moral.

Apoiado, Estevão! Apoiadissimo! Comparar o regimen que tem produzido Ambacas, S. Thomé, opios, escriptorios d'avogados nos ministerios e outras miudezas, com a Monarchia, é, além de falta de pudor, manifestação de degenerescencia moral.

Apoiado! Apoiadissimo, Estevão!

ADHESÃO SIGNIFICATIVA

O sr. Antonio Maria da Silva, da Alta Venda e do fomento, adheriu, como mais tres independentes, ao sr. Affonso Costa. E fizeram isto logo em seguida ás revelações do sr. senador João de Freitas.

Parece que o contrario é que se devia ter dado, isto é, desadherirem se já tivessem adherido, depois de saberem o que o sr. Freitas contou.

Mas felizmente não foi assim. E dizemos felizmente porque convém que tudo seja harmonico e elucidativo.

Ainda bem.

1.º DE FEVEREIRO

Comemorando a tragedia de 1 de Fevereiro de 1908, «O Thalassa» publicará um numero de homenagem á memoria de S. S. M. M. os Reis Senhores D. Carlos e D. Luiz Philippe, collaborado por illustres escriptores, alguns dos quaes da antiga pleiade dos *Vencidos da vida*.

Este numero vender-se-ha apenas a 20 réis.

Para as capas d'este numero especial, recebem-se annuncios.

Envia-se a todas as pessoas que o desejarem, fazendo acompanhar o pedido d'uma estampilha de 25 réis.

OH!!!...

Foi aqui largamente distribuído um extenso manifesto onde se lêem, em grandes caracteres, os seguintes títulos: ~~1.º~~ ~~2.º~~ ~~3.º~~ ~~4.º~~ ~~5.º~~ ~~6.º~~ ~~7.º~~ ~~8.º~~ ~~9.º~~ ~~10.º~~ ~~11.º~~ ~~12.º~~ ~~13.º~~ ~~14.º~~ ~~15.º~~ ~~16.º~~ ~~17.º~~ ~~18.º~~ ~~19.º~~ ~~20.º~~ ~~21.º~~ ~~22.º~~ ~~23.º~~ ~~24.º~~ ~~25.º~~ ~~26.º~~ ~~27.º~~ ~~28.º~~ ~~29.º~~ ~~30.º~~ ~~31.º~~ ~~32.º~~ ~~33.º~~ ~~34.º~~ ~~35.º~~ ~~36.º~~ ~~37.º~~ ~~38.º~~ ~~39.º~~ ~~40.º~~ ~~41.º~~ ~~42.º~~ ~~43.º~~ ~~44.º~~ ~~45.º~~ ~~46.º~~ ~~47.º~~ ~~48.º~~ ~~49.º~~ ~~50.º~~ ~~51.º~~ ~~52.º~~ ~~53.º~~ ~~54.º~~ ~~55.º~~ ~~56.º~~ ~~57.º~~ ~~58.º~~ ~~59.º~~ ~~60.º~~ ~~61.º~~ ~~62.º~~ ~~63.º~~ ~~64.º~~ ~~65.º~~ ~~66.º~~ ~~67.º~~ ~~68.º~~ ~~69.º~~ ~~70.º~~ ~~71.º~~ ~~72.º~~ ~~73.º~~ ~~74.º~~ ~~75.º~~ ~~76.º~~ ~~77.º~~ ~~78.º~~ ~~79.º~~ ~~80.º~~ ~~81.º~~ ~~82.º~~ ~~83.º~~ ~~84.º~~ ~~85.º~~ ~~86.º~~ ~~87.º~~ ~~88.º~~ ~~89.º~~ ~~90.º~~ ~~91.º~~ ~~92.º~~ ~~93.º~~ ~~94.º~~ ~~95.º~~ ~~96.º~~ ~~97.º~~ ~~98.º~~ ~~99.º~~ ~~100.º~~

Tentativa de assalto aos cofres publicos da fabulosa quantia de 15:397 contos. — Freitas Ribeiro, ministro da marinha, Norton de Mattos, governador d'Angola e Eusebio da Fonseca, director geral de Fazenda das Colonias, accusados de defraudarem o Estado em muitos milhares de contos. — Abaixo a ladroeira d'Ambaca.

Ai! Estebão! Que grandes ladrões... que eram os monarchicos, não é verdade?



POUCA SORTE

A manifestação de segunda-feira ao sr. Affonso Costa era para o felicitar por o *superavit* ter engordado. Uma ideia tão mimosa! Foi pena.



MAGISTRAL

Não tem outra classificação o artigo intitulado *O que elle teme*, publicado na *Nação* de domingo, devido á penna do dr. Cunha e Costa.

Não nos permite o espaço de que dispomos fazer a sua transcripção, mas desejamos registar com as nossas felicitações o magistral artigo do eminente advogado, porque constitue uma das peças jornalísticas mais notáveis dos ultimos tempos.



PRESIDENTE

Precisa-se um, em bom uso, para o Conselho Superior da Administração Financeira do Estado, que saiba fazer o trivial. Bom ordenado e sahidas aos domingos. Na redacção do «Mundo» se diz.



SÓ NOVE BADALADAS

Tenham a bondade de saborear:

EDITAL

Mario Augusto da Fonseca Barboza, administrador do Concelho de Torres Novas

FAÇO SABER que d'ora avante o toque dos sinos n'este Concelho, fica regulado pela forma seguinte: para a Saudação Angelica meia hora antes do nascer do sol e meia hora depois d'ele posto — ás 12 horas do dia — e para a missa, não podendo nenhum d'estes toques exceder o badaladas. Para mais acto nenhum é permitido o toque dos sinos, a não ser para fins civis ou em caso de perigo comum, como incendios e outros.

E para constar se passou o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos logares publicos do costume.

Torres Novas, 23 de Dezembro de 1913.

O ADMINISTRADOR DO CONCELHO

Mario Augusto da Fonseca Barbosa

Andou bem o sr. administrador em determinar que para a Saudação Angelica só sejam permitidas nove badaladas... porque com a decima podia surgir algum *jazuita* ou fazer-se a restauração.

Isto afinal é uma pena que tenha de acabar. Mas tem.



MUITO PERTO

Na sessão do Congresso, o desditoso Affonso ouviu-as tezas. Tem paciência, amor, já os romanos diziam que do Capitolio á rocha Trapeia era um passo.

E' um passo muito curto, como se vê.

A LIBRA E O "SUPERAVIT,"



Emquanto uma subiu, foi o outro descendo, descendo, até que cahiu...



SECÇÃO ELEGANTE... AO AR LIVRE

O juiz sr. dr. Costa Gonçalves, pronunciado ha tempo por abuso de auctoridade, continua no exercicio das suas funcções.

Foi nomeado administrador substituto do concelho da Chamusca, um illustre cidadão contra quem existe, na comarca da Gollégá, um processo por homicidio voluntario.

No 2.º juizo de investigação criminal foi apresentada participação-crime contra o presidente do ministerio sr. dr. Affonso Costa, accusando-o de excesso de poder, concussão e peita ou suborno. Sua ex.ª continua no desempenho do seu alto cargo.

O sr. Freitas Ribeiro, ministro da marinha, ha dias accommettido de um ataque de *ambaque* na camara dos deputados, passa já sem novidade em sua ministerial saude, não tendo ido ainda occupar o logar que o deputado sr. Camillo Rodrigues lhe assignalou no Limoeiro.

Na camara dos seleitos do povo soberano fez-se recentemente referencia a uma carta do sr. José d'Abreu á Companhia de Mossamedes pedindo mais dinheiro e promettendo os seus serviços como deputado. O sr. Abreu é cunhado do sr. presidente do ministerio, que bastante effeito pretendeu em tempo tirar de umas cartas, que acasualmente não eram da pessoa a quem as quiz attribuir.

DERRUBANDO O "IDOLO"



I. Galvão

Nem mesmo o "carneiro" consegue aguenta-lo... foi um ar que lhe deu!

ECHOS PENITENCIARIOS

Carta ao Sr. Conselheiro Bernardino Machado

Perdoe-me vocencia
Tenha paciencia
Da minha irreverencia
Fazendo escarcéu...
Mas é meu dever
Vir já a correr
A corresponder
Ao vosso chapéu...

As abas coitadas
Bastante estragadas
Com as barretadas
De longe e de perto...
E' de presumir
Que venham a rir
Já quasi a cahir
Ou já sem concêrto...

Na cêla metido
Chegou-me ao ouvido
Que tinha partido
Di lá para cá!
E n'esse momento
Logo um cumprimento
Vos fiz muito attento
De cá para lá!...

O caso está serio
Havendo mysterio
Com o ministerio
Que é surdo... e é sonso...
Devendo vocencia
Ir p'ra presidencia
Que por penitencia
Lhe dá o Affonso...

Se tal succeder
Terei que volver
De novo a correr
A cumprimentar.
Pois tenho um pedido
P'ra ser attendido
Sem ser atrevido
A sollicitar.

Não é a amnistia
Que não sae de dia
De casa da tia...
Por falta de idade!
Pois tal rapariga
Deseja a «Formiga»...
Que fique na espiga
D'opportunidade

— Serei talvez louco! —
Não peço tão pouco
Que acabe o descôco
Da triste irrisão
De ver da janella
D'esta minha cela
A pobre cadela
Estendida no chão...

Foi envenenada
P'la rapaziada...
Autopsiada!
— Que pobre animal! —
E até esta data
Ninguém se desata
N'uma concordata
P'ro seu funeral...

Senhor Bernardino!
P'lo seu chapéu fino
P'lo fôrro scino
P'lo pello a luzir
Attenda o captivo
Que morto... está vivo!
Não se faça esquivo
Ao que vou pedir:

Pode distrahir-se
Talvez confundir-se
Sem qu'rer iludir-se
Com médo... sem asco...
Por isso é preciso
Que tenha juizo
Cautela e mui ciso
Não faça fiasco.

Eu quero lembrar
E peticonar
Que quando chegar
Se acante co'a mão.
Pois que acostumado
Lá do outro lado
A dal-a apumado
Aos guardas-portão:

Pode em Portugal
O que trivial
Lá fora sem mal
Ninguém amofina...
Nas ruas andando
O *quico* tirando
Andal-a apertando
Aos moços de esquina!....

JUPITER

A FRATERNIDADE...

Em Lamego publica-se um semanário republicano intitulado *A Fraternidade*.

Tratando de politica local, diz:

«Mas a vaidade estulta pôde mais que o bom senso, e as botas ferradas dos serranos e dos *parvenus*, todas se saracotearam de contentes, ao calcar os tapetes do Prelado Lamecense e o seu orgulho de plebeus sentiu-se bem, atirando ás faces dos habitantes da cidade com mais este enxovalho!»

E tratando da politica geral, escreve, referindo-se ao sr. Affonso Costa:

«Positivamente estamos no regimen de maior despotismo, em que a lei e os principios morais estão por completo substituidos por o livre arbitrio de D. Huerta 2.º, o actual *dono* d'este lindo Paiz, digno de melhor sorte que a que actualmente tem!»

Muito bem, collega e... e viva a *Fraternidade!*...

PRECISA-SE

De um militar reformado ou em activo serviço para governador do Banco de Portugal e de um ou dois para umas legações que se acham vagas; dirigir carta e informações a A. C., rua do Mundo, 27, 3.º E.

UM MINISTRO QUE NÃO SABE PORTUGUEZ

Do *Commercio do Porto*:

«O governador civil do Porto, sr. ar. Manoel de Oliveira, recebeu hontem o seguinte telegramma:

Lisboa, 16. — Circulam alguns comboios nas linhas do norte, Cindra, Cascaes e ramal de Alfarellos. Grande parte do pessoal retomou o trabalho, havendo completa ordem. Na linha de Cascaes arremesaram uma bomba, sem consequencias, cujo attentado foi energicamente reprimido pela força, que disparou, ferindo o auctor e prendendo dois cumplices. Continúa o serviço sem alteração. — *Ministro do interior.*»

Aquelle cujo é mesmo biologico.

EM TERRA

Positivamente escorraçado pela opinião publica, cahiu o nefasto governo do sr. Affonso Costa, coberto de odios do paiz inteiro, nascidos das infamissimas perseguções dos seus esbirros. Cahiu para não mais se levantar, e com elle mais alguma coisa.

Era tempo; a paciencia nacional, cuja elasticidade é grande, estava prestes a estalar.

E' da logica: quem semeia ventos...

SERIA?!

Dizem-nos que o ex-Czar, na sessão conjuncta do Congresso, no momento em que o mano biologico Daniel se levantava para dizer qualquer d'aquellas rodrigadas em que é fertil, o intimou n'estes termos: «cale-se e vá para o seu logar!»

Não duvidamos, porque ha dias despejava varias tolices sobre a navegação para o Algarve o illustre para lamentar Urbano, e o presidente do ministerio disse, de maneira que se ouviu nas galerias, dirigindo-se a um deputado: «diga a esse idiota que se cale e não diga mais tollices.»

Deve, pois, ser certo, porque em espezteza e delicadeza elles são todos urbanos e rodrigues... biologicamente falando.

"ENLEVO,,

Assim se intitula o ultimo trabalho musical do distincto maestro compositor sr. Carlos Soeiro da Costa.

Enlevo é um *pas-de-quatre* da mais encantadora melodia e que pelo seu auctor foi dedicado á colonia brasileira em Portugal. Não precisa o sr. Soeiro da Costa elogios, porque o seu nome está firmado ha muito na musica, limitando-nos por isso a felicitá-lo e a agradecer-lhe o exemplar que nos enviou.

"CANÇÕES DA TERRA,,

Assim se intitula o ultimo livro de versos do sr. José Coelho da Cunha. Bellos versos n'uma luxuosa edição — eis em duas palavras a merecida critica a este novo trabalho do já feliz auctor da *Terra do Sol*.

Como justa homenagem vamos transcrever o lindo soneto *Velho solar*, um dos muitos quadros das *Canções da Terra*, lamentando que a falta de espaço nos não permita tambem offerecer aos leitores a *Canção da Lavadeira* e o *Ninho d'amor*, duas joias postizas de encantadora simplicidade:

Na minha aldeia existe um solar nobre
Que jaz ha muito tempo ao abandono,
E em cujos traços inda se descobre
A velha gerarquia do seu dono.

Porque o fidalgo a quem pertence é pobre,
Dormem os seus salões em longo somno,
Mas o solar da minha aldeia é nobre,
Apezar da pobreza e do abandono!

Sobre a porta central o escudo d'armas
Recorda-me outras eras, e, ao lembrar-m'as
No solar e no dono acho, tal qual,

— Nossa nobre e pauperrima altivez —
O retrato do povo portuguez
E o retrato do nosso Portugal.

NORTADAS

"O PARAIZO TERRESTRE,

ou o novo regime penitenciário-biológico dos presos políticos

- 1.ª As celas ficam abertas das 7,30 às 17 horas.
- 2.ª Os presos podem entrar nas celas d'outros presos, não sendo permitido juntarem-se mais do que dois em cada cela.
- 3.ª A hora de jantar (12 horas) podem os presos tomar a sua refeição dois a dois.
- 4.ª Os passeios são por grupos de 4 em cada patio, durante uma hora, das 11 às 12 horas.
- 5.ª É permitido aos presos: fumar á vontade; usar calçado á sua escolha; roupa de cama e roupa branca de uso; collarinho e gravata; cabelo curto e bigode; passear na ala em numero de trez individuos, quando d'ahi não resulte prejuizo para o funcionamento da officina, nem perturbação para a boa ordem que na ala deve existir. É permitido tambem ter velas nas celas. Os presos podem ter em seu poder phosphoros, gilettes e maquinas de café.
- 6.ª Os presos não podem sair do pavimento onde tem a sua cela, a não ser em serviço, que será determinado e regulado pelo mestre da officina.
- 7.ª Os presos não podem falar de pavimento para pavimento.
- 8.ª Os presos não podem falar uns com os outros a distancia, nem em voz alta.
- 9.ª Os presos só podem formar pequenos agrupamentos.
- 10.ª É expressamente prohibido aos presos praticar qualquer acto donde resulte perturbação da ordem, alarido, menos comedimento, ou qualquer procedimento incompativel com a serie de e compostura que se deve manter na ala. Ao chefe da ala compete vigiar e usar dos meios que julgue convenientes para que estas disposições se cumpram rigorosamente. Quando a materia contida n'esta disposição fór transgredida, o preso transgressor será immediatamente avisado para não continuar no seu procedimento; não obedecendo ou reincidindo será logo fechado na cela e o facto communicado superiormente.
- 11.ª Os presos politicos que ficarem trabalhando na officina de encadernador, sujeitar-se-hão ás disposições que regulamentam o trabalho nas officinas e especialmente a aquella.
- 12.ª É expressa mente prohibida a entrada na ala C a individuos estranhos ao quadro privativo da mesma, excepto quando por algum dos guardas seja pedido auxilio. Além do pessoal do quadro privativo e do pessoal superior, tem entrada na ala os enfermeiros, serventes da enfermaria, barbeiro Arthur Cardoso e mestre da officina da typographia, quando em serviço.
- 13.ª Todo o serviço com os presos politicos fora da ala será desempenhado pelo pessoal privativo da mesma.
- 14.ª O serviço da noite entra na escala geral.
- 15.ª Nos domingos e dias feriados mantem-se estas disposições.

Novo regulamento penitenciário dos presos politicos

Diz assim a primeira cantata:
(Que palavras tão bellas, sonoras!)
Sete e trinta, abertas das celas,
E o silencio começa ás cinco horas.

A segunda consente nos grupos
Dos thalassas, lá dentro das celas,
Mas não podem ser mais do que dois...
P'ra não serem de mais brezundelas.

A terceira permite ás doze horas
Fazer rancho, que rancho supino!
Um jantar entre dois n'um só quarto
Tête à tête catita bem fino!

Diz a quarta: Passeios nos pateos,
Cavaqueiras de quatro, que b'leza!
Um delirio que até faz inveja
Ao Taborda, na Casa Havelange!

Segue a quinta; um delirio tambem
Só por si ella vale p'las quinze,
Pois encerra umas taes liberdades,
Que um thalassa alegria não finge.

Imaginem que os vicios são livres,
Vestuario e calçado, á vontade,
Collarinho e gravata tambem,
Um modelo de fraternidade!

E acreditem que não exagero!
Nem sequer eu pretendo trocar,
Até podem beber bons cafés,
Dar passeios nas salas, fumar!

Não se pode exigir nada mais,
Só prohibem rosarios de contas,
Mas consentem bigodes á moda,
Muito bem aparados nas pontas!

Eu não sei que mais querem vocês
P'ra gosarem lá dentro das celas?
Se o regimen até diz que dá phosphoros
E permite a vocês usar... velas!

Diz a sexta que podem 'scolher
Um officio qualquer; é favor!
Até isso é a forma sensata
De engrandecer a vocês o valór.

Não os deixam falar em voz alta,
Mas que bella que é tal prohibição!
Esse uso é da escola moderna,
Que tem curso de conspiração!

Das restantes cantatas se infere
Uma cousa de veras secreta,
Que o *Thalassa* precisa saber
De uma forma clara, concreta!

Diga já, ó senhor director,
Diga já por favor, já se vê!
A razão que o levou n'uma ala
Prohibir a entrada no C?!

Será centro de grande pagode,
Occultal-o será por decencia?
Diga lá que mysterio haverá
O que tem esse C de vossencia?

Que só podem entrar o barbeiro,
Enfermeiros, serventes, o diacho!
Será el'succursal unionista!
Para estudo do Brito Camacho?

D. PANGRENELLAS.



THEATROS

NACIONAL. — Já regressou do Porto a companhia d'este theatro levando á scena a peça de grande successo, de Bataille, *Marcha Nacional*, um dos maiores exitos do repertorio do Nacional.

REPUBLICA. — A's 9. — A peça historica de Ruy Chianca, *D. Francisco Manuel*, que em cada noite mais accentua o seu successo. As ovações são calorosas ao auctor e aos artistas, que dão á peça um magistral desempenho.

GYMNASIO. — A's 9. — Vae n'um crescendo de entusiasmo a serie de representações, n'este theatro, da bella peça de Pailleron, *Sociedade onde a gente se aborrece*.

APOLLO. — A's 9. — A revista *Paz e União*, de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, musica de Philippe Duarte e Alves Coelho, foi um verdadeiro successo theatral. O guarda-roupa de Castello Branco, é riquíssimo; os fins d'actos são deslumbrantes.

AVENIDA. — A's 9. — *Os maridos alegres*, não sabe do cartaz, embora a empresa tenha vontade de variar o seu repertorio. E' que a linda peça chama grande concorrencia de publico a esta sala de espectaculos.

POLYTEAMA. — A's 9. — N'este lindo theatro, continua em completo exito a linda e engraçada operetta *A mulher moderna*, espirituosa charge ao feminismo.

As enchenetas tem sido grandes.
RUA DOS CONDES. — A's 8,30 e 10,30. — Todas as noites apresenta novas attracções a famosa revista *Pathé Jogram*, as quaes lhe vão dando sempre um aspecto de peça completamente nova. O quadro novo *Agua fresca no capillê* e os deliciosos numeros, *Os apaches de sala*, *Sevilhana* e *Amor á moderna*, desempenhados graciosamente por Carmen Osorio e Filomena Lima, continuam a ser calorosamente applaudidos.

COLYSEU DOS RECREIOS. — A's 9. — Continua a ser a casa de espectaculos mais predilecta do nosso publico, enchendo-se por completo para apreciar a magnifica companhia que alli está trabalhando. A estreia do artista *Mephisto*, que se apresenta como *jongleur* comico excentrico, realisando trabalhos difficilissimos, principalmente por serem executados em cima de uma roda de bicicleta. Reappareceram os *Lusos*, notaveis acrobatas equilibristas portuguezes, cujo trabalho é uma maravilha. O publico applaudiu-os com entusiasmo.

PHANTASTICO. — A's 8,30 e 10,30. — A revista *O sr. dr. da licença?* foi ampliada com o novo quadro *Por de traz da cortina*, que está polvilhada, como toda a revista, de espirito observador e graça sem maidade.



ANIMATOGRAPHOS

SALÃO FOZ. — A's 8,30 e 10,30. — Todas as noites é grande ali a concorrencia devido não só ás excellentes fitas animatographicas como aos novos numeros de variedades que ali se representam.

Salão da Trindade. — Rua da Trindade.

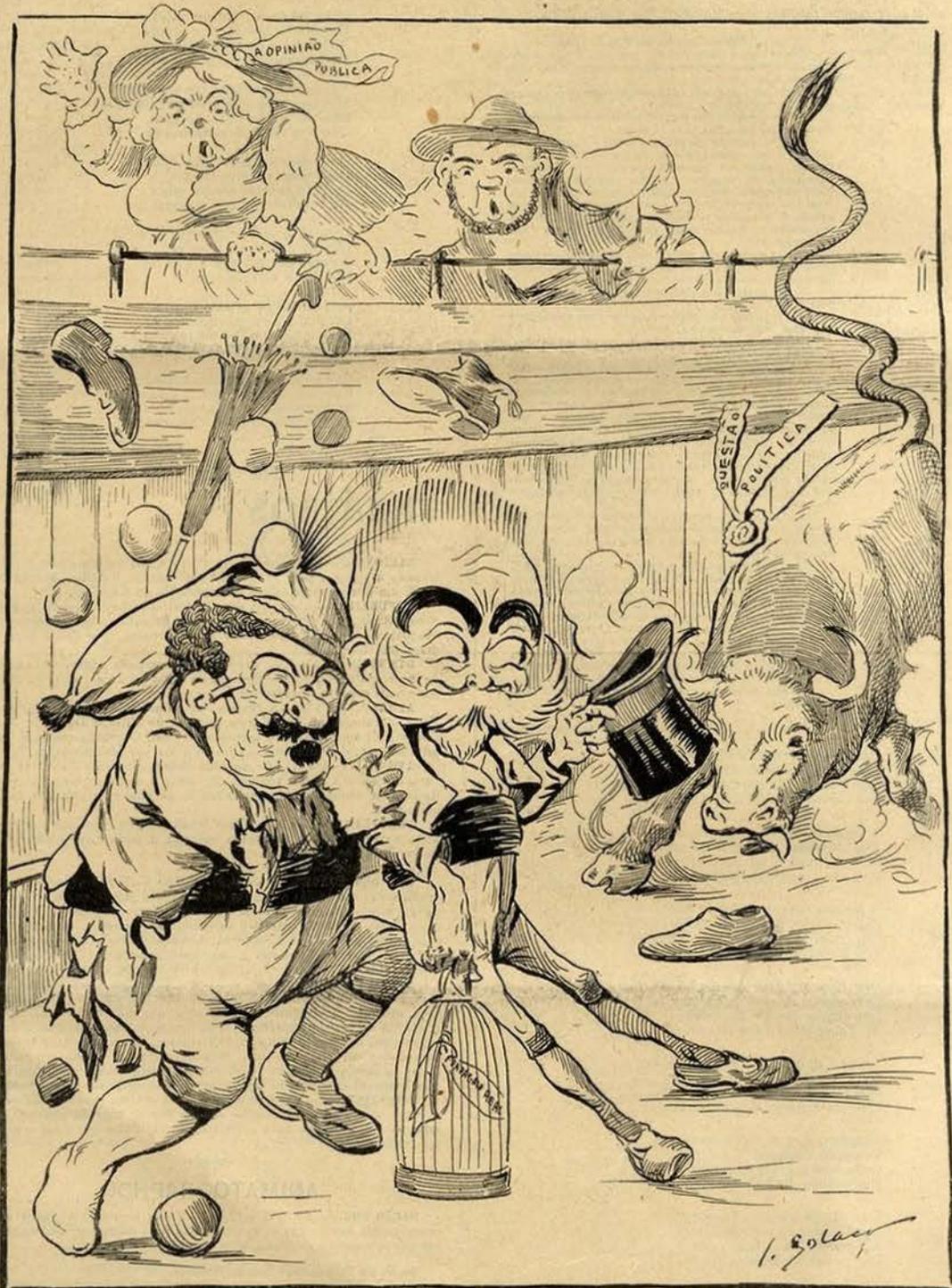
Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.

Olympia — Rua dos Condes.

Central — Avenida da Liberdade.

Chantecler — Praça dos Restauradores.

UMA PÉGA DE RECURSO



O ZÉ: — Ora agarra-me lá essa vacca...